

# a mulher mais feliz



**Sónia Morais Santos**  
Jornalista, mãe do Manuel,  
do Martim e da Madalena

**P**ois que a nossa festa de «recasamento» foi linda, melhor ainda do que tínhamos imaginado. Os senhores do restaurante Água e Sal, no Parque das Nações, foram uns queriduchos e decoraram as mesas, redondas como convém, com flores naturais e castiçais em ferro, de maneira que aquilo parecia mesmo uma boda, e eu ri-me de nervoso quando entrei, porque me pareceu que estava mesmo a casar-me outra vez.

Os convivas foram simpáticos e chegaram a horas, e assim puderam usufruir das surpresas que estavam preparadas, quer pelo Ricardo, quer por mim. E se eram catitas, as surpresas! A primeira delas foi a chegada de três mariachis, que cantaram cá fora, quando ainda estávamos no cocktail de recepção, e fizeram lembrar o nosso casamento, há 10 anos, quando três mexicanos nos acompanharam, a pé e a cantar, da Igreja de São Roque ao Convento da Trindade. Foi o Ricardo que teve a ideia, foi ele que marcou tudo, mas acabou por me contar dias antes do evento, estragando a sua própria surpresa. Tudo porque eu comeci a azucriná-lo com a ideia de levar uns músicos para o cocktail, e ele teve medo que eu me passasse, fizesse uma surpresa, e além dos seus mariachis, aparecesse a Orquestra Metropolitana de Lisboa a tocar à porta do Água e Sal.

E assim foi. Os senhores tocaram e cantaram, houve convidados a cantar também, e o momento foi divertido e dispôs bem quem estava. Ah, claro, e poucos instantes antes de chegarem os mexicanos cantores, recebi um ramo com 20 rosas vermelhas e um lindo cartão, do meu «re-marido», porque não há momento especial que ele deixe passar sem um belo ramo de flores, ou não fosse um romântico que sabe o que fazer para me deixar de quatro.

Quando se foram embora os mariachis, ficou assim um certo desconforto, tipo «então e agora o que é que se segue, entramos para a janta ou continuamos aqui nos salgadinhos?» e foi então que achei que tinha chegado o momento da minha surpresa para ele. Pedi a todos que se juntassem, fiz um discurso de improviso sobre o quão bons foram estes 10 anos e o quanto gosto dele, muito mais do que no início, vi uma prima a fazer um esforço para não chorar, e pedi à minha irmã

que me desse a caixa. Estendi-lha e ele abriu. Lá dentro, uma revista tipo «Caras» com a nossa história: desde que nos conhecemos ao namoro, passando pelo dia do casamento, sem esquecer o nascimento dos filhos, as viagens, as surpresas que fomos fazendo um ao outro, ao longo de uma década. Ele ficou boquiaberto. A revista, feita pela empresa «O Livro da Minha Vida», estava, de facto, um espanto. Cada convidado recebeu um exemplar, de modo que, nos primeiros momentos em que se sentaram à mesa, e enquanto esperavam pelo primeiro prato, os comensais estavam todos entretidos e ler as 64 páginas da revista da nossa vida.

Por fim, depois do jantar, foi a vez de ficar retida na casa-de-banho, enquanto na sala se preparava alguma coisa. Como aquilo que estava a ser preparado parecia ter encravado, as minhas amigas trouxeram-me um banco para me sentar, e vinho para beber, e foi um regabofe pegado, nas instalações sanitárias.

Quando finalmente pude sair, estava um ecrã gigante montado na sala. Sentei-me e comeci a ver um filme, maravilhoso, que ele andou a preparar para mim. Com depoimentos de todos os amigos, com entrevistas feitas num mercado (em que as peixeiras diziam coisas sobre um casal famoso, mas depois na montagem parecia que falavam de nós), com partes do filme do nosso casamento, e fotos nossas e dos miúdos, e músicas especiais, e eu a chorar como uma Madalena, com o rímel pela cara abaixo, transformando-me numa palhaça. Foi perfeito, só vos digo.

Como ele gosta sempre de me superar nesta coisa das surpresas (há, de resto, quem diga que o segredo do nosso casamento está nesta competição pela melhor e maior e mais espectacular surpresa), ainda me ofereceu, quando já não esperava mais nada, um anel lindo de morrer, com 10 brilhantes que rodam, uma metáfora aos nossos 10 anos em movimento.

A festa terminou com um DJ a passar músicas dos anos 80, a malta a dançar, os meus filhos a dormirem nos sofás (felizmente sempre os habituei a dormirem em qualquer lado), e eu a sentir-me a mulher mais feliz do mundo. Venham mais 10, mais 20. Venha a eternidade. Tenho a certeza de que fomos feitos um para o outro, desculpem lá a lamechice. ■